

**Contos e
Novelas
Portuguesas
do SÉC.XIX**

Biblioteca Online do Conto

Contos e Novelas Portuguesas do Século XIX

2014, Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, IP

Orientação: Luísa Costa Gomes

Digitalização e Correção: Inês Fonseca Santos

Revista Ficções / Instituto Camões / Instituto do Livro

Gonçalo M. Tavares

O MEDO DE GEORGE STEINER

Como era ridículo aquilo: ninguém receia um verso. Mas ele sim.

Não é um monstro, não é o escuro, não é um ladrão, um acidente ou o anúncio de um ciclone. É um verso.

Não podem perceber, dizia Steiner.

George Steiner era um homem que pensava a literatura como outros homens pensam a matemática (os matemáticos) e outros pensam o jardim (os jardineiros).

George Steiner nascera em 1929 em Paris, e era um dos mais reputados teóricos da literatura. As suas obras mais conhecidas eram: “Gramáticas da Criação”; “Depois de Babel”, “Errata: Revisões de uma vida”, “No castelo do Barba Azul”, entre outras.

Pois George Steiner estava sentado e tremia. Ao seu lado, numa pequena mesa, o livro de onde saíra, por um segundo, o verso que o assustara. Fechara rapidamente o livro. Não queria ler mais aquele verso.

Mas já o tinha lido. E agora ele estava ali, ainda, no organismo. Por uma vez odiou a memória humana: não adiantava fechar o livro: jamais esqueceria o verso.

George Steiner levantou-se, olhou pela janela. As frases não eram como certos animais de cidade – cães, gatos – que passam de muro para muro, dobram esquinas, convidam para brincadeiras infantis. Viu dois gatos num estúpido balanço que infringia regras básicas da física e escutou um cão, que talvez protestasse pela sua inabilidade física em relação àqueles felinos mínimos. Mas nada mais. A janela não dava para nenhum verso.

Mas mesmo quando via outras coisas Steiner estava a ouvir o que tinha lido. Percebeu claramente, nesse instante, que a visão era uma forma menor em relação ao acto de escutar. A mais poderosa imagem nasce das coisas que se escutam na cabeça. E ali, naquele caso, não havia hipótese de interromper o diálogo: ele trocava frases com a sua memória, mas esta fixara-se, como uma estaca, no verso, no terrível verso. No fundo era como um processo de tortura e Steiner era a parte fraca: tentava falar sobre múltiplos assuntos, tentava apontar para o mundo inteiro como as crianças fazem no início quando querem dizer aos adultos que estão finalmente a ver, tentava tudo, tentava todas as frases, mas do outro lado, do lado do carrasco - papel desempenhado pela memória - só vinha uma frase, uma única, e sempre a mesma: o verso, aquele verso.

George Steiner amaldiçoava-se já pela sua curiosidade literária, por aquele instinto que se aproximava do erótico - que olha pela buraco da fechadura - esse instinto de abrir os livros, de procurar a todo o momento frases significativas – como outros procuram paisagens ou gastronomias – dessa força

fraca que o levava a não resistir a virar um livro pousado numa mesa, com a capa para baixo, para o identificar, mesmo que não lhe pertença, essa doença que já o fez renunciar ao século, como muitos religiosos, sem no entanto esquecer por um momento que não é santo e nunca o poderá ser precisamente porque já leu muito.

George Steiner decidiu sair de casa.

Na cidade as frases contaminavam os lugares, mas tal não era uma descoberta de agora. A cidade era o sítio onde as frases há muito tinham adquirido uma evidência física e concreta como em mais nenhum lado. Pensou na pouca importância de uma frase no deserto. Pelo contrário, a cidade parecia ser um organismo, no seu conjunto, a que se poderia dar o simples nome de: leitor; ou escritor. A cidade era, de facto, um leitor: lia, e obedecia às frases. Respeitava as frases. Temia as frases. Mas também as produzia.

George Steiner sorriu. Lembrou-se do aviso escrito em certos locais em que a electricidade se concentrava, por assim dizer, em quantidades maldosas: não se aproximar, perigo de morte! Por que razão o verso que ele lera não tinha uma página antes com este aviso: não se aproximar, perigo de morte?

Mas mesmo que esse aviso existisse, o seu hábito de saltar páginas, de abrir livros ao acaso - como para surpreender um texto pelas costas ou um verso no momento em que ele está em repouso sentindo-se como que escondido - esse hábito de ler como quem ataca, como quem assalta e não como quem descansa ou se diverte, esse hábito nunca o defenderia do perigo. E o que desde a sua juventude temia sucedera: um verso, um único verso, uma mera associação de seis palavras (exacto, seis palavras) ferira-o como o punhal que não vai até ao fim, mas que já fez o seu trabalho.

George Steiner está em casa, levanta-se, olha, da janela, para o sol. O dia nasceu forte e límpido.

Abre a janela, respira um pouco o ar exterior, fecha de novo a janela, e senta-se, à espera.

In **Dez contos com livro dentro**, Campo das Letras, Maio 2004